

# Bilinguismo

## Proposta bilíngue

Segundo Quadros (1997, p. 27), o bilinguismo é uma proposta de ensino usada por escolas que se propõem a tornar acessível à criança surda duas línguas no contexto escolar. Essa afirmação é ainda ratificada por vários especialistas da área, pois há consenso de que esse método é mais adequado para a educação de alunos surdos, visto que as crescentes pesquisas acerca das línguas de sinais defendiam que a língua de sinais, natural das comunidades surdas, poderia ser o meio mais apropriado para educação e desenvolvimento pleno dos alunos com surdez.

O conceito mais importante vinculado ao bilinguismo, de acordo com Goldfeld (2002), é de que os surdos formam uma comunidade, com cultura e língua próprias, ou seja, compreender as suas particularidades, sua forma singular de pensar, de apreender o mundo e agir.

O bilinguismo propõe que as duas línguas envolvidas no processo, no caso do Brasil, a Libras e a língua portuguesa, fiquem lado a lado, porém não simultaneamente. Nesse modelo, a Libras é considerada sempre a primeira língua (L1) e a língua portuguesa é a segunda (L2). Isso porque a Libras é considerada natural e adquirida de forma espontânea pelos surdos, e ainda conta com a integridade do canal visuogestual; já a língua portuguesa deve ser ensinada de forma sistemática e gradativa.

Vale ressaltar aqui que a forma de bilinguismo privilegiada em nosso país é a que utiliza como segunda língua o português escrito. Isso significa que o surdo deve ser capaz de sinalizar fluentemente em Libras e ainda ler e escrever o idioma do país na forma mais fluente possível. Não são enfatizadas ações de desenvolvimento de fala ou leitura labial, até porque, com as mudanças na legislação, todos os aspectos voltados à reabilitação foram designados para a área da Saúde, no caso os atendimentos fonoaudiológicos, que não serão, portanto, área de atuação da Educação.

Se confrontarmos a proposta bilíngue com a oralista, observaremos que a primeira considera o canal visuogestual de fundamental importância para a aquisição da linguagem da pessoa surda, enquanto a segunda considera apenas o canal oral-auditivo. Já em relação à comunicação total, difere no sentido de propor que as duas línguas mantenham suas características próprias, suas regras gramaticais, sem se misturarem.

## Aquisição da linguagem

Nos estudos relativos ao bilinguismo, são duas as principais pesquisas na área da Linguística, mais precisamente no que se refere à aquisição da linguagem, que embasa essa metodologia. A primeira delas é o gerativismo, na qual Chomsky, em sua concepção de Gramática Universal, afirma que há um dispositivo de aquisição de linguagem comum a todos os seres humanos e que só é acionado mediante experiências linguísticas positivas, então a única forma de ativar esse dispositivo no surdo seria expondo-o o mais cedo possível à sua língua natural.

A outra linha de referência é o sociointeracionismo, de Vygotsky. Para ele, a linguagem seria a constituição do pensamento, a significação que há na forma de o indivíduo perceber a si e ao mundo. A fala seria a produção do discurso, a ação de expressar o pensamento, a linguagem em ação. Nesse caso, é importante que o termo *fala* seja entendido como produção, diálogo, e não como ato motor de articulação das palavras. Assim, fica claro que a língua de sinais é a expressão do pensamento, da linguagem dos surdos.

Bakhtin, outro estudioso da área, tem ideias convergentes com Vygotsky, pois concebe a língua como a expressão da consciência do indivíduo. Afirma ainda que a língua é o instrumento que permite ao ser receber a ideologia de sua comunidade e também lhe permite atuar nessa comunidade interagindo e expondo suas ideias.

## O processo de escolarização

Devido às constatações discutidas até agora, admite-se no modelo bilíngue que a criança surda seja exposta o mais cedo possível à língua de sinais, a fim de aprender a usar naturalmente a língua nas mesmas condições em que as crianças ouvintes aprendem a falar. A intenção é que, desenvolvendo ao máximo e da melhor forma sua competência linguística em sua língua natural, esta servirá depois como base para o aprendizado da segunda língua.

O objetivo da educação bilíngue é que a criança surda possa ter um desenvolvimento cognitivo-linguístico equivalente ao verificado na criança ouvinte, e que possa desenvolver uma relação harmoniosa também com ouvintes.

Estudos com crianças surdas, filhas de pais surdos, comprovam o privilégio dessas crianças de terem acesso a uma língua de sinais em iguais condições ao acesso que as crianças ouvintes têm a uma língua oral-auditiva. Todos esses estudos concluíram que o processo das crianças surdas adquirindo língua de sinais ocorre em período análogo à aquisição da linguagem em crianças adquirindo uma língua oral-auditiva.

A aquisição da língua de sinais deve ocorrer, de preferência, por meio do convívio com outros surdos, já usuários fluentes dessa língua, para que por meio da interação a criança tenha a oportunidade de criar uma identidade, tanto cultural como linguística.

A filosofia bilíngue possibilita também que, dada a relação entre o adulto surdo e a criança, esta possa construir uma autoimagem positiva como sujeito surdo, sem perder a possibilidade de se integrar numa comunidade de ouvintes. A língua de sinais poderia ser introjetada pela criança surda como uma língua valorizada.

Os contextos família e escola não devem se sobrepor. As pessoas que produzem cada uma das línguas com a criança, no início, devem ser pessoas diferentes e o ideal parece ser que a família participe sinalizando também. Em momentos distintos, a criança aprenderá a desenvolver sua língua de sinais e paralelamente desenvolverá capacidade de leitura e escrita da língua majoritária. A língua de sinais estará sempre um pouco mais desenvolvida e adiante da língua portuguesa, de modo que a competência linguística na língua de sinais sirva de base para a competência na aquisição da segunda língua. Será a aprendizagem de uma língua através da competência em outra, como fazem os ouvintes quando aprendem uma segunda língua sempre tendo por base sua língua materna.

Então deve ficar claro que, como a maioria dos surdos provém de famílias ouvintes, a escola tem a importante função de suprir essa falta de referência para identificação linguístico-cultural por meio do convívio com outros surdos e com os profissionais surdos e/ou bilíngues.

Ainda em relação às escolas, segundo Karnopp e Klein (2007, p. 68):

No contexto das escolas com alunos surdos no Brasil, a língua de sinais (Libras) é a língua da educação dos surdos, e essa tem sido uma luta histórica empreendida pela comunidade surda no sentido de garantir um ensino de qualidade nas escolas brasileiras. Neste sentido, o conhecimento da língua de sinais pelo professor é um requisito primordial para a efetivação

de práticas pedagógicas que considerem a diferença linguística e cultural dos surdos. O que se verifica, no entanto, é que tais requisitos não são atendidos e quase a metade dos profissionais que trabalham com surdos não conseguem se comunicar de forma eficiente com seus alunos.

Isso gera também uma defasagem na aprendizagem, visto que é impossível transmitir conhecimentos numa língua que não seja eficaz. Não basta utilizarmos a Libras como pretexto para o ensino da língua portuguesa. A Libras deve ser o idioma oficial e transitar livremente pela instituição escolar, sendo realmente o mediador de todas as relações do processo. Vale ressaltar, também, que a maioria das escolas no Brasil, que definiu seu trabalho pautado no bilinguismo, são ainda apenas *propostas* de educação bilíngue e não *efetivamente* bilíngues, devido principalmente à falta de formação de professores proficientes nas duas línguas e ao número reduzido de profissionais surdos envolvidos no processo.

## Letramento

Na escola, o instrumento fundamental de aprendizagem é a língua; é através dela que o aluno apreende o mundo, transmite e recebe informações e atua como um agente no grupo em que vive. Somente a partir desse ambiente linguístico consolidado é possível processar o ensino do Português, aprendido com base em metodologias voltadas ao ensino de segundas línguas.

Muitas das crianças surdas no Brasil vêm sendo ensinadas da mesma forma que as crianças ouvintes, sem ser levada em conta sua forma particular de aprender por meio de experiências visuais. Ferreiro e Teberosky (1985) afirmam que em relação à aquisição da leitura e da escrita as crianças passam pelos diferentes níveis desse processo mediante interação com a escrita, construindo hipóteses e estabelecendo relações de significação que parecem ser comuns a todas as crianças. Assim, esse mesmo processo deve ocorrer com as crianças surdas, porém estas devem estabelecer visualmente relações de significação com a escrita.

É importante também desmembrarmos os conceitos de *alfabetização* e de *letramento*. Alfabetização é o ato de decodificar a fala e a escrita por meio da correspondência letra X som, o que é conhecida por rota fonológica. É o domínio da leitura e da escrita por meio do acesso e conhecimento do código escrito. Letramento é a aquisição da leitura e da escrita, partindo-se de textos com significados relevantes e que se dá pela rota lexical, ou seja, por meio de sua identificação visual, da grafia da palavra e está diretamente relacionado ao conceito da palavra, isto é, ao seu significado.

De acordo com Fernandes (2006, p. 130), a alfabetização constitui um problema para os surdos, tendo em vista ser a escrita um processo que se constitui na “representação da fala”, ou seja, envolve relações de oralidade. Quanto ao letramento, a autora afirma que a leitura e a escrita são processos complementares e dependentes; estão sempre inseridas em práticas sociais significativas.

Segundo o MEC (BRASIL, 1997, p. 149),

[...] seria natural abordar a aquisição da língua escrita pelo surdo sem recorrência à língua oral, como se faz no ensino de português instrumental como segunda língua. Argumenta-se que o português escrito pode ser plenamente adquirido pelo surdo se a metodologia recorrer, principalmente, a estratégias visuais, essencialmente à Libras, não se enfatizando a relação letra-som, e se essas estratégias forem similares às aquelas utilizadas no ensino de segunda língua ou língua estrangeira.

Diferentes pesquisadores concordam que a língua escrita pode ser plenamente adquirida sem enfatizar a relação letra X som, mas se deve recorrer a estratégias visuais, baseadas na língua de sinais, possibilitando, assim, a internalização de significados, conceitos e até mesmo das regras gramaticais implícitas.

A base para o letramento é a compreensão de que para os surdos as palavras serão processadas mentalmente como um todo, sendo reconhecidas em sua forma ortográfica e memorizadas juntamente com a correspondência de significação. Outro fator a ser lembrado é que ninguém aprende palavras isoladas. Sugere-se o uso de diferentes gêneros textuais, em que as palavras combinadas formam contextos significativos e se permite a compreensão dos sentidos do texto, suas características e funções.

## Texto complementar

### Entrevista com Marlene de Oliveira Gotti<sup>1</sup>

(INCLUSÃO, 2006)

**Considerando o processo de inclusão educacional das pessoas com surdez, quais os avanços já obtidos na garantia de acesso, permanência e qualidade na escola?**

– A exclusão social e educacional são indicadores da realidade, que durante séculos desconsiderou a existência da língua de sinais utilizada pelas pessoas surdas. No Brasil, segundo o IBGE/2000, o número de pessoas com surdez é muito alto. No entanto, os dados do Censo Escolar/2005 registraram

<sup>1</sup> Consultora PNUD – Programa das Nações Unidas.

a matrícula de apenas 66 261 alunos surdos ou com deficiência auditiva na Educação Básica e o Censo da Educação Superior/2004 registrou 974 alunos com deficiência auditiva. Para modificar essa realidade, os movimentos sociais e educacionais, a partir de demandas da comunidade surda e de pesquisas realizadas, começaram a reivindicar o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras).

– Com o reconhecimento da Libras, a oferta de educação bilíngue passa a ser organizada pelos sistemas de ensino como direito dos alunos surdos, fundamental ao exercício da cidadania, de modo a viabilizar-lhes o acesso aos conteúdos curriculares, levando em consideração, nesse caso, que a leitura e escrita não dependem da oralidade.

– A Libras e a língua portuguesa como 2.<sup>a</sup> língua (modalidade escrita) constituem complementação curricular específica a ser desenvolvida em salas de recursos das mesmas escolas em que o aluno surdo está matriculado, em horário diferente ao da classe comum ou como disciplina da parte diversificada do currículo. Assim, os sistemas de ensino devem, a partir de 2006, organizar classes ou escolas bilíngues, abertas a surdos e ouvintes; viabilizar cursos de formação de professores; organizar serviços de tradutor e intérprete de Libras para atuação nas classes que têm surdos nos anos finais do Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos, Educação Profissional e Educação Superior.

### **Contextualize o papel da escola frente às novas perspectivas na educação dos alunos com surdez, atualmente, no Brasil.**

– A inclusão escolar e social de todos os cidadãos, independente de suas diferenças sociais, culturais, étnicas, raciais, sexuais e das suas condições físicas, intelectuais, emocionais, linguísticas e outras, tem sido difundida nacionalmente. O direito que os alunos surdos têm de matricular-se na rede regular de ensino, de qualquer estado ou município, determina que as escolas devem estar abertas à sua diferença linguística. O acesso à comunicação, à informação e à educação deverá ser garantido mediante a implementação da educação bilíngue, em que Libras e língua portuguesa constituem línguas de instrução, bem como mediante a formação e atuação de professores bilíngues e instrutores de Libras.

– As pessoas surdas, geralmente, utilizam a língua de sinais para se comunicar, mas raramente a adquirem por meio do contato com seus familiares, assim, diferentemente das demais línguas que são repassadas de pai para

filhos numa perspectiva vertical, a língua de sinais é repassada de pessoa surda à pessoa surda ou ouvinte fluente em Libras, numa perspectiva horizontal, fato que demonstra a importância da escola na aquisição e aprendizado das línguas por parte dos alunos.

**A partir da sua experiência na área, comente acerca da formação de professores para atuar nessa perspectiva.**

– Como professora de Língua Portuguesa, atuei tanto em escolas da rede pública quanto em escolas particulares. Em escolas do Ensino Médio de Brasília (DF), em 1982, tive meus primeiros alunos surdos e, por causa deles, fui estudar a questão do ensino de Língua Portuguesa para surdos, numa perspectiva bilíngue. Naquela época, a formação de professores para atuar com alunos surdos efetivava-se exclusivamente por meio de habilitação em cursos de Pedagogia ou licenciatura em Educação Especial/deficiência auditiva, com enfoque predominantemente clínico. Hoje a formação de professores pode realizar-se em curso de Pedagogia bilíngue, ou em cursos de Letras/Libras. A formação também pode realizar-se em curso de graduação em Letras com licenciatura em Português 2.<sup>a</sup> língua ou em curso de Educação Especial/deficiência auditiva. Essa realidade tem alterado a perspectiva para o enfoque pedagógico.

– Além desses cursos, a formação de professores pode ser realizada no âmbito da pós-graduação ou da formação continuada, bem como por meio de cursos técnicos para instrutores de Libras em nível médio.

**Como você observa as mudanças que vêm ocorrendo no Brasil, com relação aos outros países, no que se refere à educação das pessoas com surdez?**

– Nosso país destaca-se pelo projeto educacional que desenvolve o uso de línguas faladas por cidadãos brasileiros, surdos e ouvintes. O uso da língua determina o poder de um povo. Língua é poder. A ampliação e a oferta de cursos superiores de Libras e de tradução e interpretação de Libras são características de que novos tempos estão modificando a estrutura da educação dos surdos brasileiros. A consequência dessa mudança de concepção pode ser observada no aumento do número de alunos surdos na educação nos últimos anos e na valorização profissional dos professores e instrutores de Libras, que passaram a fazer parte da comunidade escolar e da comunidade acadêmica. Hoje é registrada a presença de alunos surdos em cursos de pós-graduação, fato utópico poucos anos atrás.

– O Brasil destaca-se na América Latina porque tem uma política educacional que prevê a inclusão de todos os alunos, inclusive daqueles que têm diferenças linguísticas. Destaca-se porque reconheceu a língua de sinais como meio legal de comunicação e expressão, utilizada por um expressivo grupo de brasileiros, fato que colocou a Libras como disciplina na formação inicial de todos os professores e fonoaudiólogos. Projeta-se principalmente porque é o primeiro país a ofertar cursos de licenciatura que contemplam as especificidades linguísticas, formando professores para ensinar alunos surdos da Educação Básica e Superior. Libras é um instrumento linguístico de projeção nacional e de inclusão escolar e social das pessoas surdas ou com deficiência auditiva.

– Destaca-se, ainda, pela inclusão de Libras como disciplina curricular obrigatória em todos os cursos de magistério, licenciaturas e fonoaudiologia, bem como pelo desenvolvimento de pesquisas realizadas no âmbito da pós-graduação, fatores determinantes para promover mudanças na formação dos professores e para transformar o contexto educacional.

**Sua trajetória profissional demonstra seu compromisso com a inclusão educacional e social das pessoas com surdez. Qual o próximo passo?**

– Precisamos formar professores para o ensino de Libras, para o ensino de língua portuguesa como 2.<sup>a</sup> língua; formar tradutores e intérpretes de Libras; realizar anualmente o exame para certificação de proficiência em Libras e para a certificação de proficiência em Tradução e Interpretação da Libras; difundir o uso e o ensino da Libras e da língua portuguesa para surdos na totalidade dos municípios brasileiros.

– Precisamos buscar formas de viabilizar o processo para a criação do cargo de tradutor e intérprete de Libras na Carreira Técnico Administrativo em Educação (TAE) das instituições federais de ensino (IFES), lembrando que já existe o cargo de Intérprete de Linguagem de Sinais, nível médio, na Carreira TAE.

Precisamos dar destaque aos alunos surdos que se sobressaem nas escolas e na vida profissional, para que suas potencialidades possam tornar-se visíveis e conhecidas, construindo, assim, uma nova visão no imaginário coletivo da comunidade e da sociedade em que estão inseridos.



---

## Dica de estudo

Para ampliar as noções de letramento e desenvolvimento da leitura e escrita por surdos, indica-se o livro *O Papel do Outro na Escrita de Sujeitos Surdos*, de Ana Cristina Guarinello, editora Plexus (2007). Partindo de casos concretos, a autora demonstra que o surdo é capaz de escrever e aproximar seu texto do português padrão, desde que tenha oportunidade de interagir com a escrita por meio de atividades.

---

## Atividades

1. Aponte as principais características da proposta do bilinguismo.

---

---

---

---

---

2. Quais são as duas linhas de aquisição da linguagem mais usadas para embasar o bilinguismo no Brasil? Apresente suas principais ideias.

---

---

---

---

---

3. Quais os papéis da família e da escola na proposta bilíngue?

---

---

---

---

---

---

---

## Gabarito

1. O bilinguismo propõe o uso de duas línguas no contexto escolar; a Libras é considerada sempre a primeira língua (L1) e a língua portuguesa é a segunda língua (L2). O bilinguismo mais comum em nosso país é o que utiliza como segunda língua o português escrito, ou seja, não se trabalha a oralidade.
2. No gerativismo, segundo Chomsky em sua concepção de Gramática Universal, há um dispositivo de aquisição de linguagem comum a todos os seres humanos, que só é acionado mediante experiências linguísticas positivas, então a única forma de ativar esse dispositivo no surdo seria expondo-o o mais cedo possível à sua língua natural.

O sociointeracionismo, de Vygotsky: para ele, a linguagem seria a constituição do pensamento, a significação que há na forma do indivíduo perceber a si e ao mundo. A fala seria a produção do discurso, a ação de expressar o pensamento, a linguagem em ação. Nesse caso, é importante que o termo *fala* seja entendido como produção, diálogo, e não como ato motor de articulação das palavras. Assim, fica claro que a língua de sinais é a expressão do pensamento, da linguagem dos surdos.

3. Família: detecção precoce da surdez, aprendizagem da Libras para comunicação, promover a inserção do surdo o mais cedo possível na Libras e na comunidade surda.

Escola: tem a importante função de suprir a falta de referência para identificação linguístico-cultural por meio do convívio com outros surdos e com os profissionais surdos e/ou bilíngues.

---

## Referências

ALBRES, Neiva de Aquino. **A Educação de Alunos Surdos no Brasil do Final da Década de 1970 a 2005**: análise dos documentos referenciadores. Tese (Mestrado em Educação). Campo Grande: 2005.

ARANTES, Valéria Amorim (Org.). **Educação de Surdos**. São Paulo: Summus Editorial, 2007.

BERBERIAN, Ana Paula; MASSI, Giselle; MORI-DE ANGELES, Cristiane C. (Orgs.). **Letramento: referências em saúde e educação**. São Paulo: Plexus, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAPOVILLA, Fernando César. Filosofias educacionais em relação ao surdo: do oralismo à comunicação total ao bilinguismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 6, n. 1, 2000.

\_\_\_\_\_. O implante coclear em questão: benefícios e problemas, promessas e riscos. In: CAPOVILLA, F. C.; RAFHAEL, W. P. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**, v. 2. São Paulo: Edusp/Fapesp/Fundação Vitae/Feneis/Brasil Telecom, 2001.

FERNANDES, Sueli. **Educação Bilíngue para Surdos: identidades, diferenças, contradições e mistérios**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2003.

\_\_\_\_\_. Letramento na educação bilíngue para surdos. In: **Letramento: referências em saúde e educação**. São Paulo: Plexus, 2006.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

GOLDFELD, Márcia. **A Criança Surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. 3. ed. São Paulo: Plexus, 2002.

INCLUSÃO. Revista da Educação Especial, jul. 2006.

KARNOPP, Lodenir B.; KLEIN, Madalena. Narrativas de professoras sobre a(s) língua(s) na educação de surdos. **Revista Educação & Realidade**, jun./dez. 2007. Porto Alegre.

POKER, Rosimar Bortolini. **Abordagens de Ensino na Educação da Pessoa com Surdez**. Marília: Unesp, 2007.

QUADROS, Ronice Mueller de. **Educação de Surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

